

Arsenal do exercito

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARSENAES

(Vid. pag. 142)

ARSENAL DO EXERCITO

Occupa este estabelecimento tres edificios collocados em sitios differentes, os quaes são commummente denominados: *Fundição de Baixo*, *Fundição de Cima*, e *Fundição do Campo de Santa Clara*. Entretanto, ao primeiro d'estes, por sobresair aos outros em grandeza e nobreza do edificio, e ainda por outras circumstancias, se lhe dá tambem o nome de *Arsenal do Exercito*.

Está situado junto ao Tejo, na parte oriental da cidade, e no local das antigas *tercenas da Porta da Cruz*. Tendo sido estas consumidas por um incendio em a noite de 11 de julho de 1726, determinou reedifical-as el-rei D. João v sobre plano mais vasto e regular. Não obstante, porém, ser construcção de um soberano acostumado a imprimir nas suas obras um certo cunho de grandiosidade, ficou o edificio demasiadamente singelo.

Passados bastantes annos, querendo el-rei reparar esta falta, encarregou o architecto mr. Larre de aformosear o edificio. Este artista, que viera, não havia muito tempo, offerecer os seus serviços a D. João v, delineou um rico portico, ou antes um corpo central muito decorado para adorno da fachada principal.

A doença que sobreveiu a el-rei, e de que falleceu ao cabo de sete annos de padecimento, foi causa de que se adiasse a execução d'aquella obra. Na occasião da morte de D. João v achava-se apenas principiada; e quando, d'ahi a cinco annos, succedeu o terremoto do 1.° de novembro de 1755, ainda estava muito atrazada. Este cataclismo arruinou o edificio do arsenal, cujos estragos foram reparados pouco tempo depois; porém, só passados cinco annos, em 1760, se começaram de novo os trabalhos na referida obra do corpo central, continuando sem interrupção até ao seu acabamento.

A reconstrucção do edificio foi acompanhada de reformas na organisação e administração do arsenal, e de muitos melhoramentos nas suas officinas. Esta reforma foi dirigida por Fernando de Chegaray, francez, tenente general de artilheria ao serviço del-rei D. José I. Posteriormente foi secundado este impulso regenerador por Amaro de Macedo, pelos tenentes generaes Manuel Gomes de Carvalho, e Bartholomeu da Costa.

Por decreto de 1 de julho de 1834 introduziram-se n'este estabelecimento novas reformas e melhoramentos, á execução dos quaes estão ligados honrosamente os nomes dos inspectores, coronel Leão, e generaes barão de Ovar e barão de Monte Pedral. Continuando este arsenal a attrahir a attenção e solicitude do governo e dos seus diversos inspectores, tem tido até hoje muitos aperfeiçoamentos importantes em todas as suas officinas, onde presentemente se trabalha com bastante esmero e perfeição. É pena é que não tenha este arsenal uma dotação sufficiente para lhe fornecer abundantemente todas as materias primas de que precisa, para dar o desenvolvimento que requerem as necessidades do nosso exercito.

A fachada principal do edificio olha para oéste. O corpo central é a parte nobre d'ella. É de uma architectura pesada, mas tem magestade. Resalta dos corpos lateraes, e eleva-se acima d'elles. É todo construido de magnifica e bem lavrada cantaria. As columnas que adornam a porta são da ordem corinthia.

Sobre a janella principal avulta o escudo das armas reaes. O entablamento é coroado de trophéos militares, tudo egualmente de pedra. Aos lados do corpo central, junto dos cunhaes, acham-se, como decoração, dois grandes obuses. Esta fachada deita para um terreiro chamado *largo da Fundição*, banhado pelo Tejo da parte do sul, e guarnecido da parte do norte com uma fileira de arvores, e por detraz d'estas com um muro que o separa da *calçada Nova*, que foi aberta para dar passagem á estatua equestre del-rei D. José I, quando saíu da *Fundição de Cima*, onde foi feita, para a praça do Commercio, onde se inaugurou. Ao *largo da Fundição* dá seguimento do lado de oéste a *rua do Jardim do Tabaco*.

A frontaria do edificio que está voltada para o sul cáe sobre uma rua que corre ao longo do Tejo, e termina em uma praça, acabada de fazer ha pouco sobre o que era praia, e que se estende por toda a frente da estação principal dos caminhos de ferro de norte e léste.

No pavimento inferior estão os grandes armazens de arrecadação, que constituem o primeiro deposito. No pavimento superior acham-se, do lado do norte do corpo central, a secretaria, contadoria, archivo, e outras secções da inspecção geral do arsenal; e do lado do sul, cinco salas de armas pela ordem seguinte:

A primeira, chamada *da Rainha*, tem no topo o retrato em corpo inteiro da sra. D. Maria II, de saudosa memoria, pintado pelo fallecido professor da academia de bellas artes, Joaquim Raphael. É guarnecida esta sala com doze armaduras antigas, e contém 250 bacamartes, 1:000 clavinas, 1:484 pistolas e 300 espadas. Os paineis do tecto foram pintados em 1762 por Bruno José do Valle.

A segunda sala, *del-rei D. José* I, é decorada com o retrato d'este soberano, e com quatro estatuas allegoricas, esculpidas em madeira, representando o *Valor*, a *Fidelidade*, *Vulcano* e *Marte*. Guarnecem-lhe as paredes e portas bem dispostos cabides, onde se acham collocadas com ordem e symetria 12:600 espingardas, 1:000 clavinas e 1:000 espadas.

A terceira sala, *de D. João* V, está adornada com o retrato d'este monarcha, e com as estatuas de *Minerva* e *Neptuno*, egualmente de madeira, porém doiradas. Encerra 12:600 espingardas, 800 clavinas e 1:000 espadas, guarnecendo as paredes da mesma maneira. As portas d'esta sala são formadas de lanças.

A quarta sala, *das Armaduras*, servem de ornamento os bustos de *André de Albuquerque*, e *Duarte Pacheco*, e 32 armaduras de ferro antigas. Contém o mesmo numero de armas da antecedente.

A quinta sala está ornada com quatro estatuas doiradas, e com os bustos de *D. Nuno Alvares Pereira*, *D. Duarte de Menezes*, *D. Affonso de Albuquerque* e *D. João de Castro*. Acham-se n'ellas distribuidas 18:000 espingardas e 1:000 espadas.

Nas pinturas dos tectos d'estas salas empregaram-se os melhores pintores de architectura e ornato que havia n'essa epocha em Lisboa. No tecto da escada ha boas pinturas. O painel do centro é obra do citado Bruno José do Valle, e as quatro partes do mundo, representadas nos quatro angulos, foram pintadas por Pedro Alexandrino de Carvalho, e Berardo Pereira Pegado.

Do lado de léste tem este arsenal um pateo com diversas officinas, e com porta para o lado do sul, e em frente d'esta um caes de cantaria com guindaste para serviço do estabelecimento. Em um edificio separado, mas que fica contiguo, e superior ao edificio principal, para a parte do norte, acham-se estabelecidas differentes officinas.

Ha n'este arsenal um collegio de aprendizes, e muitas e bem organisadas officinas de varios officios mecanicos, a alguns dos quaes se póde dar o nome de artes, como são o de abridor em metaes, que alli se exercita com muita proficiencia; o de fabricante de instrumentos bellicos e de instrumentos de mathematica, etc.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

A POESIA NOS CAMPOS

(Vid. pag. 138)

O amor é a inspiração quasi constante da poesia popular, quer se manifeste festiva como a esperança, quer plangente como a saudade dos bons affectos que morreram. Desconhecedora das tradições pagãs, a gente do campo nega-as por instincto, e mata a sêde poetica nas fontes puras da natureza. Cupido, o classico e brincalhão Cupido, é para os poetas da aldeia um rapazote sem importancia. O deus vendado não tem entre elles aras nem culto:

Quem pintou o amor cego
Não n'o soube bem pintar.
O amor nasce da vista.
Quem não vê não póde amar.

Com este credo, que é verdadeiro, embora com elle se negue a auctoridade da mythologia e os amorosos arrufos de que o Olympo foi theatro, não podêmos duvidar d'este poetico aphorismo aldeão.

Inda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor;
Antes que o amor se ausente,
No coração fica a dor.

A *constancia aldeã*, de que o sr. Castilho já zombou em lindos versos, tem em seu favor documentos poeticos de alta valia. Estou quasi inclinado a crer que a injustiça feita pelo cantor da *Primavera* aos amores pastoris foi instigação do seu amigo Ovidio, maganão que deixou nas *Metamorphoses* provas sem réplica da sua incompatibilidade (perdoe-me Ovidio este palavrão constitucional) para aferidor de constancias.

Quem me dera ver meu bem
Trinta dias cada mez,
Sete dias na semana,
Cada instante uma vez.

Ovidio (parto sempre do principio que foi elle quem malquistou o sr. Castilho com as raparigas da aldeia), se o obrigassem a amar

Trinta dias cada mez,
Cada instante uma vez,

preferiria de certo o exilio a que Augusto o condemnou, e de que o poeta tanto se lastimava, ás galés de uma eternidade amorosa. As borboletas não nasceram para o quietismo, tem azas... vôam.

Querem os descrentes do amor aldeão pesar os finos quilates da sua constancia?

Se te enfastia o eu querer-te,
É força por fim deixar-te;
Ensina-me a aborrecer-te,
Que eu não sei senão amar-te.

Haverá ainda quem affirme que não saber *senão amar* seja um peccado? ou quem negue a constancia a quem precisa ser *ensinado a aborrecer?*

Que differença d'esta simplicidade no bemquerer ao orgulho dos poetas encartados, que publicam o seu

coração n'um livro, e que, como Byron e Lamartine, ungem os seus cantos com lagrimas... de crocodillo!

O amor nos campos dá-se e acceita-se por toda a vida, ou nega-se de prompto e sem rodeios. O poeta que ama, procura ardente *como o sol* a musa que o inspira; ella, se se sente captiva de outros affectos, esquiva-se-lhe rapida *como uma sombra.*

Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol, a buscar-te,
Tu, como a sombra, a fugir-me!

Uma delambida da cidade faria de certo parar o sol, como Josué, ainda que mais não fosse, para contar á noite no baile o milagre, e rir-se com as amigas da ingenuidade do astro-rei. A rapariga dos campos foge timida como uma sombra, e quasi envergonhada de tão guindados requebros. Se porém os acceita, e casa (que de clamores não vae esta palavra levantar!), é com o mesmo frescor e viço poetico que affirma diante das outras raparigas do logar que vive alegre e satisfeita, cantando ao eleito do seu coração:

Eu casei-me e captivei-me,
Inda não me arrependi;
Quanto mais vivo comtigo
Menos posso estar sem ti!

Um namoro que nas cidades não passa de um assumpto comico, tem nos campos singelas e poeticas feições. Em vez do mensageiro alugado e da confidente adestrada na telegraphia do requestador de officio, no campo são os dois interessados que se correspondem directamente em transparentes e despretenciosos remoques.

ELLE

Tu tens a parreira á porta,
Não a sabes lagartar,
Tens defronte os teus amores,
Não os sabes namorar!

ELLA

Não os posso namorar,
Tenho vigias defronte;
Eu ando mais espreitada
Que o coelho anda no monte!

Hoje que é moda torturar o senso commum em nome não sabemos de que abstrusas theorias vindas, da Allemanha, o ouvido alegra-se e o coração rejuvenesce com os cantares singelos do povo, com as suas poeticas imagens, sempre copiadas da grande mestra — a natureza. Mesmo quando o sentido de uma copla não parece bastante claro, indaguem, e acharão que é facil o commentario. Por exemplo:

Muito brilha o branco-branco
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado.

Pois não vêem que o *branco-branco* se refere á tez da Laura do nosso Petrarca, e o *branco lavado* ás suas singelas galas domingueiras?

Se os philologos não largam ha tantos seculos de mão o seu Homero, se não ha um verso de Dante que não tenha sido explicado, nem uma oitava dos *Lusiadas* em que a critica não tenha remexido, que menores direitos tem o povo a ser interpretado nos seus poeticos desabafos?

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres;
Quando o sol promette á lua,
Que fará quem tem amores?

Dirão, talvez, que esta promessa de um astro a outro astro não está pedindo a reflexão da critica? Não haverá escondida n'esta astronomia saloia uma verdade scientifica a indagar? Fazemos a pergunta, e deixâmos a resolução d'ella a quem competir.

Querem agora uma hyperbole arrojada? É a primeira que vamos citar do nosso poeta. Sabemos que a hão de achar extravagante, mas a sua desculpa está no motivo que a originou — o ciume! Orestes fez, e Othello disse ainda peior que o nosso poeta:

Eu corri o mar á roda
Co'uma vela branca accesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti não ha firmeza!

Como correctivo d'esta exaggeração, ahi vae uma das mais perfumadas e sentidas coplas populares, já diversas vezes louvada pela critica, mas que, pela sua resignada doçura, vae bem cabida n'este logar.

Por te amar perdi a Deus,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti!

Millevoye, o poeta das melancolias intimas, não pintaria, de certo, mais resignado o seu adolescente, despedindo-se da vida ao caír das folhas séccas do outomno! Viver só — sem Deus e sem amor — é mais triste que saudar pela ultima vez o sol amortecido da estação dos desenganados da terra.

Na aldeia, as Saphos são quasi tantas como os Anacreontes, e as lastimas d'ellas não menos doloridas que as d'estes. A morte inesperada de um noivo é dignamente commemorada n'esta singela queixa:

Eu fui a mais desgraçada
Das filhas de minha mãe;
Todas tem a quem se cheguem,
Só eu não tenho ninguem!

Que grande dor não era a da pobre rapariga no seu abandono! Ella, que amava com toda a innocencia dos primeiros amores, e que fallava inteira a verdade, dizendo:

Costumei tanto os meus olhos
A namorarem os teus,
Que de tanto confundil-os,
Nem já sei quaes são os meus.

Agora os olhos que ella assim trazia empregados lavam-lh'os as lagrimas de uma eterna e irremediavel saudade.

Dissemos no começo d'este artigo que a poesia no campo dava para tudo, e crêmos tel-o provado exemplificando a nossa affirmativa. Querem ouvir uma quasi impiedade justificada pelo excesso do bem-querer? É uma rapariga antepondo ao symbolo venerando do christão a profanidade dos seus terrestres affectos.

Se passares pelo adro
Tira o chapéo, reza á cruz;
Que o meu amor é mordomo
Da capella de Jesus.

Acabada a mordomía, é possivel que acabe com ella a reverencia da ingenua aldeã. Que melhores pensamentos se podem exigir a quem anda preso, como

diz o estribilho constante dos bailes de roda, nas *cadeias do amor?*

Nas cidades é fama que engordam os procuradores, pelo menos Bocage assim o affirmava. Na aldeia morreriam todos de fome se os pleitos fossem como este:

A rosa tem vinte folhas,
O cravo tem vinte e uma;
Armou a rosa demanda
Pelo cravo ter mais uma.

Causas d'estas não sobem ao supremo tribunal de justiça, resolve-as a propria rosa conservando o seu perfume e os seus espinhos, e deixando ao cravo a fartura de mais uma folha. Se duvidam, oiçam:

Ainda agora eu reparo
Em quem anda no terreiro!
Anda o cravo e mais a rosa,
Anda o ramalhete inteiro!

Então não se conciliaram depressa as duas flores? Assim as das salas se harmonisassem entre si, como as do campo sabem esquecer as suas momentaneas desavenças em publico terreiro.

Uma das mais pronunciadas feições do lyrismo moderno é o desalento. Chorar as mágoas proprias ou as alheias, parece ser a predestinação da poesia do nosso seculo, que quasi só encontra excepção na serenidade dos poetas que retemperam o espirito cançando o corpo no amanho da terra, arrimo e providencia dos não eleitos da fortuna.

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto!
Hei de parar e mostrar-lhe
Que de vêl-a não me espánto.

Uma variante da mesma idéa, mas expressa talvez ainda com maior resignação e sentimento poetico, é a seguinte:

Eu quero bem á desgraça,
Que sempre me acompanhou;
Tenho odio á ventura,
Que bem cedo me deixou.

Desde Almeida Garrett, na maviosa invocação do seu poema *Camões*, não ha poeta nem versejador que tenha deixado de incommodar a «saudade», consagrando-lhe uma estrophe mais ou menos banal. Doença endemica no paiz, a saudade fez-se a musa dos bastardos da poesia, e não ha lyra, por desafinada que seja, nem poeta,

Das faixas infantis despido apenas,

que não se recorde do seu breve passado, e não lhe dedique um hymno quasi sempre mentiroso.

Pois antes de Almeida Garrett ter chamado á saudade

.........gosto amargo d'infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,

já o povo dizia singela e poeticamente:

A ausencia tem uma filha
Que tem por nome «saudade»;
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

Como se vê, a saudade, que os poetas de livro procuram com inspiração, *sustenta-a* contra vontade o homem do povo, e confessa-o francamente.

(Continua) L. A. Palmeirim.

ONIOGOSO

Os japonezes dão este nome a um peixe não vulgar nos mares do Japão, mas muito apreciado pelo seu delicado sabor.

Linneo collocou o oniogoso no genero *scorpæna*, em que reuniu todas as especies que tem a cabeça comprimida lateralmente, e como que eriçada de espinhos. Porém Cuvier, depois de minucioso exame, dividiu-as, formando muitos outros generos perfeitamente distinctos uns dos outros.

A pag. 104 mostrámos o typo de um d'estes generos, que a sciencia denominou *pteroïs*. Agora offerecemos aos nossos leitores o do genero chamado *pelor*, que, na classificação scientifica d'esta numerosa familia, primeiramente designada com o nome *scorpæna*, occupa o nono logar.

O oniogoso *(pelor japonicum)* tem a cabeça comprimida na parte superior, os olhos bastante unidos, e tão saídos, que parece saltarem fóra das orbitas. O corpo, desprovido de escamas, é todo pintado, exceptuando a cabeça, de manchas avermelhadas no lombo e lados, de largas listas transversaes no peito, e no ventre de um certo arraiado como se vê em alguns marmores. Além d'isso, apresenta nas partes inferiores diversas ordens de pontinhos escuros, e outros dispersos nas partes ventraes e na base das peitoraes. Quasi todo o corpo é eriçado de barbatanas e de pequenos filamentos brandos, de fórmas diversas. Quanto ao tamanho, regula por um comprimento de 30 centimetros.

A pesca d'este peixe faz-se ordinariamente durante o verão nas bahias de Nagasaki. No inverno foge das costas para o mar largo. É peixe caro, e, por conseguinte, apenas servido nas mesas de gente rica.

I. de Vilhena Barbosa.

vid 174

DEVERES CIVIS DO PAROCHO

No artigo que escrevemos ácerca de *Bibliothecas populares*, lastimámos que o parocho de aldeia não cumprisse os deveres sublimes que a sua nobre missão lhe impõe. Podiamos agora desenvolver esta idéa, e mostrar quaes são as multiplicadas obrigações que tem a cumprir esse pastor das almas. Não o ousâmos fazer, havendo um admiravel artigo escripto por Affonso de Lamartine, onde se trata d'esse assumpto com a proficiencia e com os esplendores de estilo que são apanagio do grande escriptor. Limitar-nos-hemos, por tanto, a traduzil-o. É como se segue.

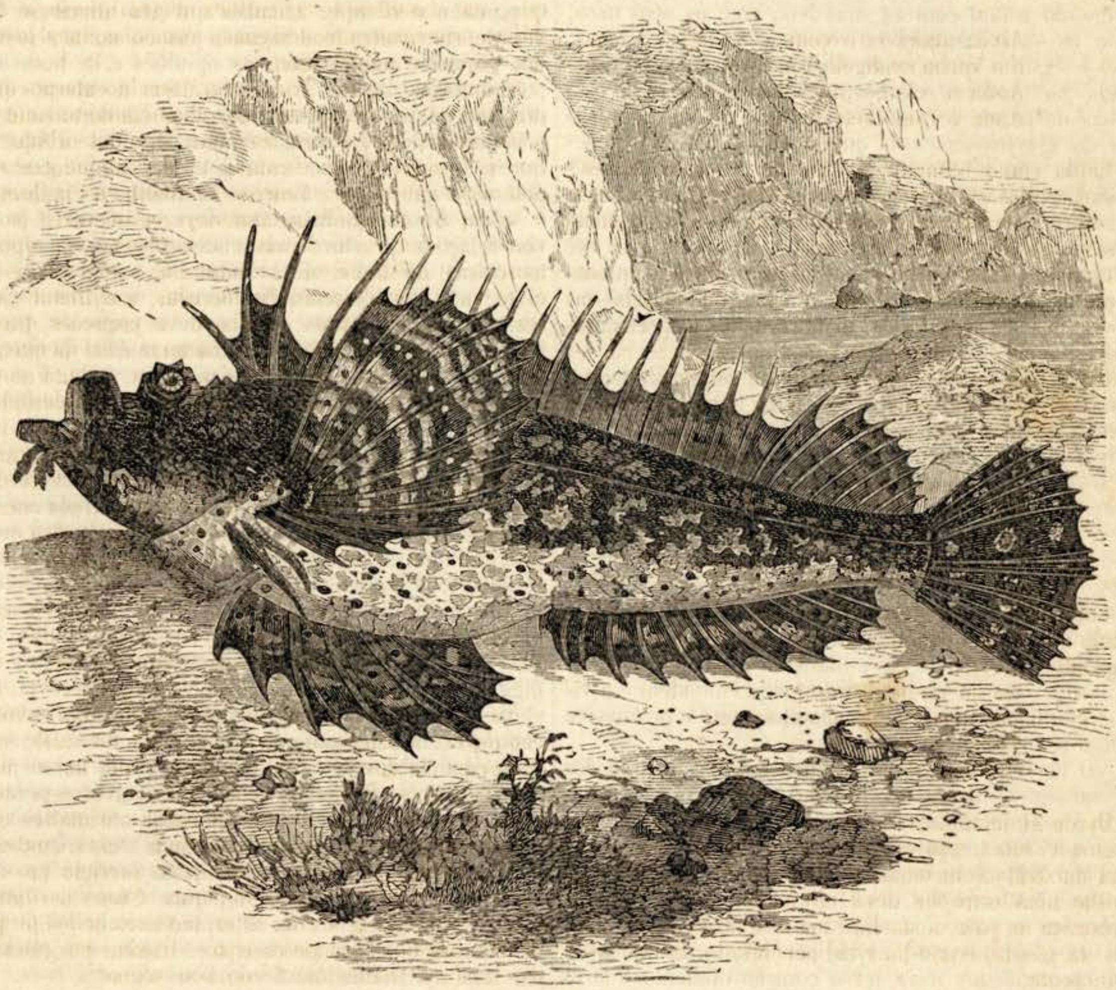
«Ha em todas as parochias um homem que não tem familia, mas que a todas as familias pertence, que apparece como testimunha, como agente, e como conselheiro nos actos mais solemnes da vida civil; sem o qual se não póde nascer nem morrer; que recebe o homem ao sair do seio maternal, e só o larga ao sumir-se nas trevas do sepulchro; que benze ou consagra o berço, o thalamo conjugal, o leito da morte e o caixão; um homem a quem as criancinhas se costumam a estimar, a venerar e a respeitar; a quem os proprios desconhecidos dão esse doce nome de *meu padre*, ligeira variante de *meu pae;* a cujos pés derramam os christãos as suas mais intimas confidencias, as suas mais secretas lagrimas; cuja profissão o obriga a ser consolador de todas as miserias do corpo e da alma, intermediario da riqueza e da indigencia; que vê o pobre e o opulento virem a revezes bater-lhe á porta; o opulento para derramar nas suas mãos a esmola mysteriosa, o pobre para que a possa receber sem o rubor da vergonha; que, não pertencendo a nenhuma das gerarchias sociaes, a todas as classes

por algum lado se prende; ás infimas pela pobreza da vida e ás vezes pela humildade do nascimento, ás superiores pela educação, pela sciencia e pelos sentimentos elevados que uma religião philantropica inspira e ordena; que tudo em fim tem direito de dizer, e cuja palavra se despenha dos pincaros da religião sobre as intelligencias e os corações, com a auctoridade da missão divina e com o imperio da fé. Esse homem é o parocho; ninguem póde fazer tanto bem ou tanto mal, cumprindo ou menosprezando os sublimes deveres que lhe são impostos.

«O que é o parocho? é o ministro da religião de Christo, encarregado de conservar os seus dogmas, de propagar a sua moral, e de favorecer com os seus beneficios o rebanho que lhe é confiado.

«D'essas tres funcções do sacerdocio deduzem-se os tres pontos de vista d'onde vamos considerar o parocho: como padre, moralista e administrador espiritual do christianismo. D'aqui tambem se deduzem as tres especies de deveres que tem de cumprir, a fim de se mostrar completamente digno da sublimidade das suas funcções na terra, e da estima ou da veneração dos homens.

«Como padre ou conservador do dogma christão, os deveres do prior não são accessiveis ao nosso exame; o dogma, divino e mysterioso por sua natureza,



Oniogoso

imposto pela revelação, acceito pela fé, essa virtude da ignorancia humana, esquiva-se a todas as criticas; o padre, do mesmo modo que o fiel, não tem que dar contas senão á sua consciencia e á sua egreja, unica auctoridade de que depende. Comtudo, mesmo n'isto, póde a elevada razão do sacerdote influir utilmente na pratica sobre a religião do povo a quem dirige. Nos evos da ignorancia e das trevas, algumas crendices banaes, algumas superstições populares se enlaçaram com as grandiosas crenças do puro dogma christão; a superstição é o abuso da fé; ao ministro esclarecido de uma religião que não teme a luz, porque toda a luz d'ella emanou, compete afastar essas nuvens que lhe empanam a santidade, e que fariam com que vistas prevenidas contra o christianismo o confundissem a elle, essa civilisação pratica, essa razão suprema, com as especulações devotas, ou com as grosseiras credulidades dos cultos onde campêam o erro ou a decepção. O dever do parocho é abolir esses abusos da fé, e reduzir as crenças demasiadamente condescendentes do seu povo, á grave e mysteriosa simplicidade do dogma christão, á contemplação da sua moral, ao progressivo desenvolvimento das suas obras perfectiveis. A verdade nunca precisa do erro, as sombras nunca augmentam a luz.

«São ainda mais bellos os deveres moralisadores do parocho. O christianismo é uma philosophia divina escripta de dois modos; como historia, na vida e na morte de Christo; como preceito, nos ensinamentos sublimes que o Salvador trouxe ao mundo. Essas duas palavras do christianismo, o preceito e o exemplo, estão resumidas no Novo Testamento ou Evangelho. O padre é um commentario vivo d'esse livro divino. Cada uma das palavras mysteriosas d'essas paginas responde com acerto ao pensamento que as interroga, e encerra um sentido pratico e social que

esclarece e vivifica o procedimento do homem. Não ha verdade moral ou politica que não exista em germen n'um versiculo do Evangelho; todas as philosophias modernas commentaram algum d'elles, e esqueceram-n'o depois; a philanthropia nasceu do seu primeiro e unico preceito, a caridade. A liberdade entrou no mundo em seu seguimento, e não houve servidão aviltante que a sua luz não desfizesse; a egualdade politica nasceu, porque o christianismo nos obrigou a reconhecer a nossa egualdade e a nossa fraternidade perante Deus; suavisaram-se as leis, aboliram-se os costumes revoltantes, caíram as cadeias, e a mulher reconquistou o respeito no coração do homem. Á medida que a sua palavra troou nos seculos, fez baquear um erro ou uma tyrannia, e póde-se dizer que todo o mundo actual com as suas leis, com os seus usos, com as suas instituições e com as suas esperanças, não é senão o Verbo evangelico mais ou menos encarnado na moderna civilisação! Mas a sua obra está longe de se ter de todo realisado; a lei do progresso ou do aperfeiçoamento, que é a idéa activa e poderosa da razão humana, é tambem a lei do Evangelho; prohibe-nos que paremos no bem, instiga-nos a que procuremos sempre o melhor, não nos consente que desesperemos da humanidade, diante da qual vae sempre rasgando mais esplendidos horisontes, e, quanto mais os nossos olhos se abrem á luz, mais promessas lêmos nos seus mysterios, mais verdades nos seus preceitos, mais futuro nos seus destinos.

«O parocho está, por conseguinte, senhor de toda a moral, de toda a razão, de toda a civilisação, de toda a politica, quando tem esse livro nas mãos. Basta que o abra, que o leia, e que derrame em torno de si o thesoiro de luz e de perfeição, cuja chave lhe foi entregue pela Providencia. Mas, como o do Christo, deve ser duplo o seu ensino: pela vida e pela palavra: a sua vida deve ser, tanto quanto o comporta a fragilidade humana, a explicação sensivel da sua doutrina, a palavra palpavel. A egreja collocou-o n'esse posto mais como exemplo do que como oraculo; póde-lhe faltar o discurso, se a natureza lhe negou os dons oratorios, mas o discurso que todos entendem é a vida; não ha lingua humana tão eloquente e persuasiva como a virtude.

«O parocho é tambem administrador espiritual dos sacramentos da sua egreja e dos beneficios da caridade. N'essa qualidade os seus deveres aproximam-se dos que são impostos por toda e qualquer administração. Trata com os homens, deve conhecêl-os; toca nas paixões humanas, deve ter a mão delicada e macia, prudente e comedida. Entram nas suas attribuições os erros, as miserias, as indigencias, as necessidades da humanidade; deve ter o coração opulento e farto de tolerancia, de mansidão, de compaixão, de caridade e de indulgencia. A toda a hora deve estar aberta a sua porta a quem o vae despertar, accesa a sua lampada, ao alcance o seu bordão; não deve conhecer nem tempo, nem distancia, nem contagios, nem sol, nem gelos, quando é necessario levar o balsamo ao ferido, o perdão ao culpado, Deus ao moribundo. Perante elle, como perante Deus, não póde haver nem rico nem pobre, nem grande nem pequeno, mas homens, isto é, irmãos em miserias e em esperanças. Mas, se a ninguem deve recusar o seu ministerio, não deve tambem offerecel-o imprudentemente aos que o desdenham ou menosprezam. A propria caridade, quando importuna, azéda e repelle, não attrahe; deve muitas vezes esperar que venham ter com elle, ou que o chamem; não se deve esquecer que, no regimen de absoluta liberdade de todos os cultos, que é a lei do nosso estado social, o homem só tem que dar contas da sua religião a Deus e á sua consciencia. Os direitos e os deveres civis do parocho só principiam quando lhe dizem: «Sou christão.»

«O parocho tem relações administrativas de muitas especies: com o governo, com a auctoridade municipal, com a sua junta de parochia.

«São simples as suas relações com o governo; os seus deveres para com elle são os mesmos que os de qualquer cidadão, nem mais nem menos, obediencia nas coisas justas. Não se deve apaixonar nem pro nem contra os governos da terra; modificam-se as fórmas, mudam de nomes e de mãos os poderes, os homens precipitam-se do throno uns aos outros; são coisas humanas, passageiras, fugitivas, instaveis por sua natureza; a religião, governo eterno de Deus na consciencia, está acima d'essas vicissitudes, d'essas versatilidades politicas; avilta-se descendo a ellas; o seu ministro deve conservar-se cuidadosamente á parte. O parocho é o unico cidadão que tem direito e dever de ser neutro nas causas, nos odios, nas luctas dos partidos que dividem as opiniões e os homens; porque antes de tudo é cidadão do reino eterno, pae dos vencedores e dos vencidos, homem de amor e de paz, que só deve prégar paz e amor; discipulo d'Aquelle que recusou derramar uma gota de sangue em sua defesa, e que disse a Pedro: «Embainha o gladio.»

«Com o seu administrador deve conservar o parocho relações de nobre independencia no que respeita ás coisas de Deus, de brandura e consideração no resto; não deve procurar influencia, nem luctar para conquistar auctoridade; nunca deve esquecer que a sua auctoridade principia e acaba no umbral da egreja, no degrau do altar, na cadeira da verdade, á porta do indigente e do enfermo; alli é o homem de Deus; fóra d'ahi o mais humilde, o mais obscuro dos homens.

«Com a sua junta de parochia, os seus deveres limitam-se á ordem e á economia que a pobreza da maior parte das freguezias ruraes exige. Quanto mais progredimos na civilisação e na intelligencia de uma religião toda immaterial, menos necessario vae sendo o luxo exterior dos nossos templos. Simplicidade, aceio, decencia nos objectos que servem para o culto, eis tudo quanto o parocho deve pedir. Muitas vezes a indigencia do altar tem um não sei quê de veneravel, tocante e poetico, que impressiona e enternece o coração pelo contraste, mais do que os paramentos de seda e os candelabros de oiro. O que valem os nossos doirados e os nossos grãos de areia refulgentes perante Aquelle que desdobrou o firmamento e o matizou de estrellas! O calix de estanho obriga tantas frontes a curvarem-se como os vasos de prata lavrada ou doirada. O luxo do christianismo pompeia nas suas obras, e o verdadeiro enfeite do altar são os cabellos do padre encanecidos na prece e na virtude, e a piedade dos fieis ajoelhados diante do Deus de seus paes.

«Para se alimentar e vestir, para pagar e dar sustento á pobre mulher que o serve, para soccorrer a indigencia, tem o parocho duas retribuições; uma do estado, 750 francos; auctorisada outra pelo costume, e que se chama *occasional*. Esse occasional, bastante elevado em certas cidades, onde serve para pagar aos vigarios na maior parte das aldeias, pouco ou nada rende ao parocho rural. Portanto, apenas tem o estricto necessario, *res angusta domi*, e, comtudo, ainda lhe dizemos, tanto no interesse da religião como no da veneração que deve inspirar: «Esqueça o occasional, receba-o do opulento que insiste para que lh'o acceite; recuse-o do pobre, que, ou se envergonha por lh'o não poder dar, ou que amargura sempre as alegrias do casamento, os jubilos da paternidade, as tristezas dos funeraes, com a idéa importuna de procurar no fundo da sua bolsa algumas raras mealhas para lhe pagar as suas bençãos, as suas lagrimas, ou as suas preces; lembre-se que, se devemos dar de graça uns aos outros o pão da vida material, com muito mais razão devemos dar de graça o pão ce-

leste, e não queira ser accusado de que faz pagar aos filhos as inestimaveis mercês do Pae commum, e de que põe uma tarifa á oração! Mas nós é que dizemos aos fieis: «O salario do altar é insufficiente.»

«Como homem o parocho tem ainda alguns deveres puramente humanos, que lhe são impostos pelo cuidado da sua boa reputação, por esse recato da vida civil e domestica, que é a doce fragrancia da virtude. Recolhido no seu humilde presbyterio, á sombra da sua egreja, deve raras vezes sair. Póde ter um pomar, uma vinha, um jardim, algumas vezes uma courellasita cultivada por suas proprias mãos; crear alguns animaes domesticos de utilidade ou recreio, ou a vacca, ou as ovelhas, ou a cabra, ou os pombos, ou passaros de canto, mas sobre tudo o cão, vivo ornamento do lar, amigo d'aquelles a quem o mundo olvida, e que precisam, comtudo, de ser amados por alguem. D'esse asylo de trabalho, de sciencia e de paz deve-se afastar pouco para se misturar com as sociedades ruidosas da visinhança; só em raras occasiões deve molhar os labios, com os felizes do seculo, na taça de uma hospitalidade sumptuosa; o pobre é desconfiado e cioso, e depressa accusa de adulação ou de sensualidade o homem a quem vê muitas vezes á porta do opulento, quando se ergue do tecto uma espiral de fumo annunciando mesa mais opipara do que a sua. Muito mais vezes, ao voltar da sua faina caritativa, ou quando a boda ou o baptismo reuniram os amigos do pobre, póde o parocho sentar-se á mesa do lavrador e comer com elle o pão negro da indigencia; o resto da sua vida deve passal-o no altar, ou no meio das crianças a quem ensina a balbuciarem o cathecismo, esse codigo vulgar da philosophia mais elevada, esse alphabeto de uma sabedoria divina. Engolphado em estudos serios entre os livros, companhia morta do solitario, á tarde, depois do thesoureiro levar a chave da egreja, quando soam trindades no sino da aldeia, póde-se ver algumas vezes o parocho, de breviario na mão, ou junto das arvores do seu pomar, ou nas empinadas veredas da serra, haurindo o suave e religioso ambiente dos campos, ora parando para ler um versiculo das sagradas poesias, ora contemplando o ceo e o horisonte do valle, e descendo a passos vagarosos embebido na santa e deliciosa contemplação da natureza e do seu Auctor.

«Eis a sua vida e os seus prazeres; encanecem os seus cabellos, tremem as suas mãos erguendo o calix, a sua voz desfallecida já não enche o sanctuario, mas echôa ainda no coração do seu rebanho; morre; uma pedra sem nome designa o seu logar no cemiterio junto da porta da sua egreja. Eis uma vida que findou! um homem para sempre olvidado! mas esse homem foi repoisar na eternidade, onde a sua alma vivia anticipadamente, e cumpriu na terra o mais sagrado de todos os deveres; continuou um dogma immortal, foi um dos fuzis de uma cadeia immensa de fé e de virtude, e deixou ás gerações que estão para nascer uma crença, uma lei e um Deus.»

Esta vida de abnegação, tal como Lamartine a descreve n'estas admiraveis paginas, talvez faça sorrir os que pensam que é superior á fraqueza humana; mas faça pelo menos esta descripção com que os homens que se destinam ao sacerdocio, não optem pela carreira ecclesiastica como optariam pelo foro ou pela administração publica; vejam que, se quizerem cumprir os seus deveres, tem de se preparar ao sacrificio. Todas as coroas tem espinhos, e se os tem os diademas da terra, cuja consolação é a ephemera alegria mundana, como os não teriam as coroas celestiaes, que trazem comsigo os eternos jubilos? Quem se não sentir com forças, não pize essa estrada cheia de abrolhos tingidos ainda pelo sangue que vertiam os pés do Redemptor.

M. Pinheiro Chagas.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Vid. pag. 129)

V

Bem quizeramos que a exiguidade do espaço de que podêmos dispor nos permittisse mostrar ainda em relêvo as acções mais notaveis de D. Fr. Caetano Brandão, acompanhando-o por todo o decurso do periodo que encetámos, e que constitue por certo a epocha mais gloriosa e interessante de uma vida toda consagrada ao serviço da egreja, do estado e da humanidade. Correu, porém, a penna nos anteriores com menos economia do que talvez cumpria: d'ahi a necessidade de sermos agora forçado a restringir-nos, abbreviando e truncando o muito que havia para relatar.

Os annos do prelado em Braga não foram para elle tão placidos e socegados como os que passára no Pará.

O amor e respeito agradecido do povo, que geralmente admirava suas virtudes, e sentia por toda a parte o impulso efficaz da sua acção benefica, encontrando n'elle protector e pae, não bastava a preserval-o dos ataques d'aquelles que, vivendo encharcados no lodo das paixões desordenadas, se erguiam para combatel-o, instigados pela voz da ambição e do egoismo.

Multiplicaram-se as contrariedades, cresceram as reluctancias, e não foram poucos, nem de pequena monta, os dissabores e mortificações que teve de supportar pacientemente, e os obstaculos com que se viu a braços; tantos e taes, que por vezes o attribularam, ao ponto de desejar libertar-se de tão pesados encargos, para ir procurar no canto obscuro da sua pobre cella o descanço que havia mister. De condição naturalmente energica, mas temperada pela humildade christã, e ainda mais pelos dictames da prudencia que a edade sasonára, pouco faltava para que não succumbisse uma ou outra vez perante o tropel de difficuldades, que de continuo se levantavam contra os seus mais uteis e assisados projectos.

A reforma dos costumes entre ecclesiasticos e seculares; a restauração da disciplina modelada pelas verdadeiras regras canonicas; a extirpação dos numerosos abusos, que á sombra do governo de seus antecessores se haviam introduzido no arcebispado, e que elle mal podia tolerar com gravame da propria consciencia, e como germen de maiores desordens; tudo isto lhe suscitava inimigos encarniçados, avultando entre estes não poucos membros do seu cabido, que o taxavam de austero em demasia, desvirtuavam suas acções, e lançavam á conta de atrevimento e fatuidade o empenho com que pretendia oppor-se a seus caprichos, e tiral-os do estado de relaxação em que viviam.

As luctas pertinazes que se via constrangido a sustentar, tanto mais angustiosas para quem como elle só anhelava harmonia, concordia e moderação em tudo, aggravavam-se ainda pela deterioração da saude, naturalmente debil, e que os trabalhos e cuidados iam enfraquecendo até o lançarem por vezes á beira do sepulchro; não menos o affligia a impossibilidade de occorrer, como desejava e tinha por obrigação, a tantas e tão ponderosas necessidades, quaes as que se manifestavam pelo vastissimo districto do arcebispado. Tudo estava, dizia elle, ás suas costas, e para tanto que importava fazer, mal podiam bastar as rendas da mitra, por mais avultadas que se julgassem. Computavam-se em verdade annualmente de trinta a quarenta contos de réis; mas passaram-lhe oneradas com dividas excedentes a quarenta mil cruzados, contrahidas pelo seu predecessor; e haviam-se mister mais de dez mil cruzados annuaes, só para as esmolas de pão e dinheiro, que diariamente se distribuiam a fami-

lias e individuos necessitados da cidade [1]. Na fiel e exacta applicação d'esses rendimentos, como verdadeiro ecónomo dos bens dos pobres, consistia a maior e melhor parte dos seus pastoraes cuidados, tirando d'ahi consolações e lenitivos com que contrabalançava as magoas e desgostos a que não podia forrar-se.

Apenas entrado em Braga, concebeu a fundação de estabelecimentos humanitarios, destinados para educação e instrucção dos orphãos e expostos de ambos os sexos, sentindo a necessidade de preparar á infancia desvalida os meios de escapar á perversão, e a tornar-se victima da ignorancia, da ociosidade e do crime. A par d'esta outra necessidade não menos urgente, se fazia sentir a de tambem fornecer á velhice desamparada casas de abrigo, onde encontrasse os soccorros que a invalidez e a decrepitude reclamam.

Tudo se realisou em breve espaço, graças á sua dedicação e aos meios empregados. O resultado de tão piedosa concepção acha-se recopilado por elle mesmo na conta que pelos annos de 1800 ou 1801 endereçára ao nuncio apostolico, solicitando da santa sé algumas concessões, que o habilitassem para assegurar de futuro existencia e prosperidade aos institutos que tamanha predilecção lhe mereciam. Oiçamos as proprias e edificantes palavras do venerando prelado:

«Dois objectos, logo que entrei n'esta diocese, me saltaram á vista, bem capazes de enternecer o coração mais duro e empedernido; o desamparo em que se lamentavam duas sortes de pessoas, velhos invalidos e meninos orphãos e expostos, sem acharem em todo o arcebispado bracarense um só d'aquelles abrigos publicos, que a caridade lhes costuma fornecer nos outros logares. Este desamparo me penetrou fundamente o coração. Fechei os olhos a despezas e a outras difficuldades, e logo incessantemente fiz recolher a uma boa casa da mitra quarenta velhos estropeados, e vinte e tantas mulheres da mesma especie a outra mais pequena, assistindo-lhes com todo o sustento, vestido e curativo nas suas enfermidades, e um sacerdote para os reger temporal e espiritualmente; o que tudo se tem conservado invariavelmente, vae para doze annos, com assaz consolação da minha alma, por ver mitigada a sorte infeliz d'esta triste porção da humanidade.........................

«Restava-me a tropa dos meninos indigentes de um e outro sexo, que n'esta provincia, por conta da sua nimia população, é numerosissima; e sem o recurso da educação physica e moral ninguem duvída estar exposta aos maiores perigos. Que hei de fazer? Recorro a Deus, penso, reflicto, combino especies; em fim, confiado nos thesoiros da Providencia, metto as mãos a dois collegios ou seminarios, destinados para educação dos meninos de um e outro sexo; o Senhor abençoa as minhas diligencias; cresce a obra sem interrupção desde os seus alicerces, e dentro de poucos annos tenho o gosto de ver concluidos aquelles dois estabelecimentos, e postos em acção; um d'elles contando para cima de oitenta habitadores entre mestras e meninas, com todas as providencias necessarias para saírem d'alli boas mães de familia, que ainda mais com o exemplo do que com as palavras saibam educar os seus filhos religiosa e civilmente.........

«O outro estabelecimento muito mais amplo e espaçoso, por isso que é destinado para educação de pessoas que podem ter relações mais interessantes a uma e outra republica, conta alguns cento e cincoenta meninos, além dos superiores, mestres e mais pessoas occupadas no serviço da casa. Eis-aqui a idéa geral que me propuz n'este designio, já reduzido á pratica ha mais de nove annos. Depois do ensino da religião e das primeiras letras, espreita-se a indole e talento dos meninos, para que se não afastem do methodo mais analogo ás vistas que a Providencia mostra ter sobre cada um d'elles. Assim joeirados, os que dão melhores esperanças fazem-se applicar á grammatica latina, rhetorica, philosophia e theologia; alguns á musica, ao risco, á pintura e á esculptura; outros, em fim, á pharmacia e á cirurgia; que de tudo isto ha mestres no seminario. O resto, que sempre fórma a maior parte, depois de sufficientemente instruidos nos primeiros rudimentos, repartem-se para differentes officios mechanicos, conforme a inclinação de cada um, os quaes são assistidos pelo seminario de toda a roupa, e de uma boa parte do sustento, concorrendo a elle nos domingos e dias festivos, para refrescarem as especies da doutrina e o mais que é respectivo á lição e á escripta, até que, achando-se habeis nos seus officios, segue cada um o estado que Deus lhe inspira..............................

«São vantajosos os fructos que vae produzindo a educação do seminario. Agora acabam de sair d'elle dez alumnos com as suas cartas de cirurgia, em que fizeram avultado progresso, segundo o testimunho dos professores, e vão substituir a tantos outros de que abunda a provincia, que por falta de principios não servem talvez senão para matar gente. Em Coimbra tenho actualmente quatro, seguindo os estudos maiores da universidade, alguns nos claustros da religião; um sacerdote; e outros muitos iniciados com optimas disposições para aquelle estado, quando for tempo.

«Tal é a ordem e constituição d'este estabelecimento, em que tenho dispendido e vou cada dia dispendendo quanto não é difficil conhecer a qualquer que tem alguma experiencia de similhantes casas. Não choro esta despeza das rendas da mitra, conhecendo muito bem que não podem ter outra applicação mais legitima; mas quizera que tamanhos gastos e fadigas se não dirigissem sómente a fazer ao publico um beneficio momentaneo, que termine com os dias da minha existencia, o que muito provavelmente acontecerá, ficando o seminario sem algum pé de rendas seguras. Esta consideração me tem feito tentar differentes meios que me pareceram analogos áquelle fim, etc. etc.»

Nem paravam aqui os zelosos desvelos do caritativo prelado. Sua poderosa iniciativa estendia-se a generalisar tanto quanto era possivel a educação do sexo feminino, objecto cuja importancia devidamente apreciava. Assim o demonstra, não só o valioso subsidio por elle conferido ao collegio das religiosas ursulinas de Braga, empregadas n'aquelle mister, mas a fundação de vinte e tantas escholas de meninas, que creou e mantinha em diversos logares do territorio do arcebispado, pagando, a expensas suas, os ordenados das mestras, e concorrendo com abundantes esmolas para o vestuario das educandas pobres.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] Como amostra do emprego que o caritativo prelado fazia das rendas da mitra, falla com voz mais eloquente do que qualquer outra o seguinte extracto ou resumo das despezas por elle realisadas no anno de 1793 (todos os outros andaram pouco mais ou menos na mesma proporção), segundo as contas documentadas, que existiam nos livros respectivos:

Vestuario, calçado, livros e mais trastes para o uso de s. exc. rev.	98$320
Despezas da cavallariça	89$550
Com o seminario dos orphãos, em compra de casas, sustento e vestuario, etc., dos alumnos	10:590$172
Com o conservatorio das orphãs e expostas	3:372$291
Com as casas de invalidos e decrepitos, onde se abrigavam 56 individuos de um e outro sexo	1:497$480
Vestidos para 139 meninos que frequentavam aulas e aprendiam officios, e ordenados dos mestres	417$163
Remedios de botica para os pobres da cidade, jantares aos presos em todos os domingos do anno, esmolas para o hospital, etc	965$685
Esmolas mensaes e particulares a diversos individuos	3:477$590
Premios a lavradores e artistas	800$000
Pensão annual ao seminario de S. Pedro, e esmola ao convento do Mogadouro, para congrua dos professores de theologia e philosophia, etc	222$545
Somma réis....	21:230$796

Isto pelo que diz respeito a obras de caridade e beneficencia. O resto para perfazer o total da despeza, que n'este anno foi de 35:147$338 réis, consumiu-se no culto divino, edificações e reparos de egrejas; taes como a parochial de S. Lazaro, por elle construida desde os fundamentos; a de S. Martinho de Dume, quasi totalmente reedificada, etc., etc.